



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIONE PATRÍCIO DA SILVA

**A METODOLOGIA DO CÍRCULO DE LEITURA COMO ESTRATÉGIA  
DE LETRAMENTO LITERÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL II**

JOÃO PESSOA

2020

MARIONE PATRÍCIO DA SILVA

**A METODOLOGIA DO CÍRCULO DE LEITURA COMO ESTRATÉGIA DE  
LETRAMENTO LITERÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras – Português como parte  
dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em  
Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal da  
Paraíba

**Orientador:** Prof. Dr. Pedro Farias Francelino

JOÃO PESSOA

2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586m Silva, Marione Patricio da.

A METODOLOGIA DO CÍRCULO DE LEITURA COMO ESTRATÉGIA DE  
LETRAMENTO LITERÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL II / Marione Patricio da Silva. -  
João Pessoa, 2020.

60 f. : il.

Orientação: Pedro Farias Francelino.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Leitura; Literatura; Círculo de leitura. I.  
Francelino, Pedro Farias. II. Título.

UFPB/CCHLA

MARIONE PATRÍCIO DA SILVA

**A METODOLOGIA DO CÍRCULO DE LEITURA COMO ESTRATÉGIA DE  
LETRAMENTO LITERÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura plena em Letras Português.

Aprovada em: 10 de agosto de 2020.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Almeida

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria das Dores Oliveira de Albuquerque

João Pessoa – PB

*Dedico à minha mãe Maria da Penha e ao meu Neto João Gabriel por tanto amor  
dedicação e compreensão.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus em primeiro lugar, pois se não fosse por ele não teria chegado até aqui, sempre me dando forças e guiando meus passos. Aos meus filhos e minha prima Isabelle, que foram o maior incentivo para ingressar no curso de letras.

Aos amigos e colegas do curso porque de alguma forma contribuíram para este trabalho e, em especial, a minha querida professora Juliene Pedrosa a quem devo o conhecimento desse mundo fascinante do letramento literário.

Ao meu orientador, professor Pedro, que com seus conhecimentos contribuiu muito para que este trabalho se realizasse. À professora Mônica Trindade por ter me incentivado a seguir em frente quando quase desisti da residência pedagógica, e também não poderia deixar de citar as professoras, Santuza e Adenize de educação, com quem aprendi muito nos cursos de extensão e optativas e por quem tenho imenso carinho.

SILVA, Marione Patrício da. **A metodologia do Círculo de Leitura como estratégia de letramento literário**: Um relato experiência no Ensino Fundamental II. 2020. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa). UFPB/CCHLA, João Pessoa-PB.

## RESUMO

Para muitos, a leitura ainda é considerada uma prática difícil e que não desperta a vontade de ler. Porém, existem muitas práticas e estratégias utilizadas para fazer com que essa leitura seja praticada de modo mais fácil e prazeroso dentro e fora da sala de aula, uma delas é o círculo de leitura. Com base nessas considerações, este trabalho de conclusão de curso se propõe a uma revisão de literatura sobre trabalhos que se debruçam na leitura e sua metodologia de ensino através do círculo de leitura como recurso de letramento literário, os conceitos dos documentos oficiais e o papel do professor como mediador desse contexto. Também foi visto a importância que os livros didáticos exercem no tocante ao ensino da leitura. Para desenvolver nossa pesquisa, como fundamentação teórica, recorreu-se aos estudos feitos por Rildo Cosson (2014) acerca do círculo de leitura e letramento literário; Almeida e Santos (2014) com as práticas de leitura no ensino fundamental; Solé (1998) sobre a leitura e as estratégias de leitura; aos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) um dos documentos oficiais de ensino, acerca do que se espera do ensino de leitura, dentre outros. Por fim, foi mostrado como se executou um projeto feito durante a disciplina de estágio 4 e 5 do curso de Letras Português com alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Olívio Ribeiro Campos, para incentivar neles o gosto pela leitura e consequentemente pela produção textual, através de uma proposta de formação do Círculo de Leitura, em que buscamos incentivar a leitura e despertar nos alunos a capacidade crítica de ler textos. Como não tivemos muito tempo com os alunos, não pudemos trabalhar uma obra literária completa, optando assim, pelos gêneros Conto, Crônica e Poesia.

**Palavras-chave:** Leitura; Literatura; Círculo de leitura.

SILVA, Marione Patrício da. **The Reading Circle methodology as a strategy for literacy lettering: An experience report in Elementary School II.** 2020. 60 f. Course Conclusion Paper (Degree in Portuguese language). UFPB / CCHLA, João Pessoa-PB.

### **ABSTRACT**

For many, reading is still considered a difficult practice and does not arouse the desire to read. However, there are many practices and strategies used to make this reading easier and more enjoyable in and out of the classroom, one of which is the reading circle. Based on these considerations, this course conclusion paper proposes a literature review on works that focus on reading and its teaching methodology through the reading circle as a resource for literary literacy, the concepts of official documents and the role of the teacher as mediator of this context. It was also seen the importance that textbooks play in the teaching of reading. To develop our research, as a theoretical basis, we used the studies made by Rildo Cosson (2014) about the circle of reading and literary literacy; Almeida and Santos (2014) with reading practices in elementary school; Solé (1998) on reading and reading strategies; to the National Curriculum Parameters (1998) one of the official teaching documents, about what is expected from reading teaching, among others. Finally, it was shown how a project carried out during the course of stage 4 and 5 of the Portuguese Language course was carried out with students from the 9th grade of elementary school at Escola Municipal Olívio Ribeiro Campos, to encourage in them a taste for reading and consequently for production textual, through a proposal to form the Reading Circle, in which we seek to encourage reading and awaken in students the critical ability to read texts. As we did not have much time with the students, we were unable to work on a complete literary work, thus opting for the genres Tale, Chronicle and Poetry.

**Key words:** Reading; Literature; Reading circle.



## LISTA DE FIGURAS

|                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1</b> – Hierarquia de informações na leitura..... | 18 |
| <b>Figura 2</b> – Linha do tempo do livro didático.....     | 22 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------|----|
| <b>Tabela 1</b> – Características do círculo de leitura..... | 28 |
|--------------------------------------------------------------|----|

## SUMÁRIO

|           |                                                                          |           |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------|-----------|
|           | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                   | <b>12</b> |
| <b>1.</b> | <b>A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E O PAPEL DO PROFESSOR NA ESCOLA.....</b>    | <b>15</b> |
| 1.1       | O livro didático nos documentos oficiais.....                            | 20        |
| 1.2       | Os fragmentos de leitura nos livros didáticos.....                       | 22        |
| <b>2.</b> | <b>O CÍRCULO DE LEITURA.....</b>                                         | <b>25</b> |
| 2.1.      | Conceito e características.....                                          | 26        |
| 2.2.      | Como funciona na teoria e na prática.....                                | 27        |
| <b>3.</b> | <b>DESENVOLVENDO O GOSTO PELA LEITURA.....</b>                           | <b>30</b> |
| 3.1       | Debates com os alunos para escolha dos temas propostos para leitura..... | 31        |
| 3.2       | Descrição do procedimento metodológico.....                              | 32        |
|           | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                         | <b>36</b> |
|           | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                  | <b>38</b> |
|           | <b>ANEXO I – Plano de aula.....</b>                                      | <b>40</b> |
|           | <b>ANEXO II – Textos.....</b>                                            | <b>46</b> |

## INTRODUÇÃO

A prática da leitura se constitui como um dos mais completos exercícios intelectuais, pois, estimula diversas áreas do nosso cérebro. É através dela, que criamos a imagem; ouvimos a voz do autor e temos acesso a um mundo que não seria possível de outra forma a não ser pela leitura. Podemos ir do passado ao futuro sem nem sequer saímos do sofá; da sala de aula ou de qualquer lugar onde estejamos lendo.

Vivemos em um mundo globalizado que nos dá certo comodismo, pois, com tanta tecnologia, as informações nos chegam com velocidade e facilidade através dos diversos canais conectados à internet. Essa facilidade talvez seja uma das responsáveis pela falta de interesse, dos alunos, de praticarem a leitura nos modos convencionais.

Uma das inúmeras dificuldades que o professor de Língua Portuguesa enfrenta com relação às práticas de leitura, é justamente como trazer para sala de aula atividades que desperte em seus alunos o gosto pela leitura e como vivenciar na sala de aula as práticas sociais de leitura que ocorrem fora deste espaço.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa tem levantado questões sobre a melhora da qualidade de educação no país, sobretudo no ensino fundamental, onde há maior índice de reprovação, no que se refere à leitura e produção textual, e muitas das vezes estão intimamente ligadas às dificuldades de ensinar tais procedimentos, embora saibamos que algumas destas dificuldades, enfrentadas pelos professores, em sua maioria, se devem a outros fatores que dificultam tal processo.

Isso acaba refletindo na vida adulta desses alunos quando conseguem chegar à universidade (muitas vezes em tempos bem tardios) e sentem as dificuldades em compreender os textos que lhes são propostos para leitura.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma das competências a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa, é envolver-se em práticas de leitura que possibilitem o desenvolvimento do senso estético valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais. Portanto, cabe ao professor proporcionar aos alunos práticas que favoreçam o desenvolvimento desta competência.

Diante de tais fatos, percebeu-se a necessidade de mostrar de que maneira a metodologia do círculo de leitura como recurso de letramento literário, pode contribuir para que o professor de Língua Portuguesa repense suas práticas em sala, proporcionando um proveitoso contato do aluno com o universo da leitura. Sendo assim, a questão é: como o círculo de leitura contribui para que esta mudança aconteça, dentro e fora da sala de aula?

Dentre os papéis importantes da escola citaremos aqui, como objeto deste trabalho, a importância de se ensinar a arte de ler, utilizando-se da literatura pelo viés do campo literário, como instrumento para desenvolver no aluno, tanto as habilidades de leitura, interpretação e escrita, bem como as competências sócio emocionais citadas na BNCC, que são fundamentais para um desenvolvimento positivo em seu aprendizado, tão necessários para que esse aluno tenha o êxito pessoal e profissional.

Este trabalho tem como objetivo geral: mostrar a metodologia do círculo de leitura como recurso para despertar o interesse do aluno pela leitura e produção textual, no ensino fundamental II, com base na experiência de um projeto proposto em uma escola do ensino fundamental, o qual nele verificamos na prática como executar.

Delineamos então os seguintes objetivos específicos: 1) mostrar que papel tem a escola e o professor como mediador, para despertar o interesse pela leitura; 2) conceituar a metodologia do círculo de leitura, apresentando as principais características; 3) destacar práticas que desenvolvam o gosto pela leitura, a partir da escolha de textos com temas propostos pelos alunos e apresentar como a metodologia de trabalho do círculo de leitura pode promover o interesse pela produção de textos.

Partiu-se da hipótese de que os alunos não têm muito contato com o texto literário no ensino fundamental e muitas das vezes, estes textos estão expostos somente como fragmentos no livro didático, meramente para o ensino da gramática.

Para desenvolver nossa pesquisa, como fundamentação teórica, recorreremos aos estudos feitos por Rildo Cosson (2014), acerca do círculo de leitura e letramento literário; Almeida e Santos (2014), com as práticas de leitura no ensino fundamental; Solé (1998), sobre a leitura e as estratégias de leitura; aos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), um dos documentos oficiais de ensino, acerca do que se espera do ensino de leitura; dentre outros.

A metodologia usada foi o projeto de intervenção feito durante a disciplina de Estágio 4 e 5 do curso de Letras Português, realizado na Escola Municipal Olívio Ribeiro Campos, no bairro dos Bancários, no período de 10 de outubro a 21 de novembro de 2017, onde acompanhamos uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental composta por 15 alunos. Por ser uma escola localizada próxima à comunidade do Timbó, percebemos que o público-alvo da escola são os alunos mais carentes que não têm tanto contato com leitura, pois a comunidade não dispõe de uma biblioteca e as aulas de interpretação/produção de leitura de textos e literatura são geralmente voltadas para o ensino da gramática, com o objetivo de se trabalhar mais a oralidade dos alunos. Apesar de entender que a gramática não é caminho para se trabalhar a oralidade, mas sim a escrita, esta foi a forma que a professora titular achou para melhorar este ponto nos estudantes.

Diante dessas observações, desenvolvemos o projeto do Círculo de Leitura e Produção Textual, a partir do texto *“Círculos de Leituras: um quanto de teoria e um tanto de práticas”* do autor Rildo Cosson. Pelo curto tempo que teríamos com a turma, optamos por utilizar três gêneros textuais para o círculo: Conto, Crônica e Poema; a fim de que os alunos notassem a diferença entre estes três gêneros (formatação, linguagem, estilo, temas etc.).

Quanto a organização, este trabalho está dividido em três capítulos: No primeiro capítulo falaremos da importância da leitura e do professor como mediador no contexto escolar, trazendo algumas considerações sobre as práticas de leitura que circulam dentro da sala de aula como forma de desenvolver habilidades na leitura e na escrita para a formação do leitor competente, verificando também, o que trazem os documentos oficiais sobre o assunto e de que forma os livros didáticos contribuem ou não para essa formação. Por fim, trataremos qual papel o livro didático tem nas aulas de leitura.

No segundo capítulo, apresentaremos o círculo de leitura e suas características e como funciona na prática e na teoria.

No terceiro capítulo, mostraremos como foi desenvolvido o círculo de leitura, através de um relato de experiência, como foi feita a escolha de textos; promoção de debates e as estratégias de leitura. Veremos também como, através de uma leitura prazerosa, o aluno pode produzir textos a partir de outra visão aprendida com os conceitos e características do círculo de leitura, o qual tornou esta produção mais prazerosa.

## 1. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E O PAPEL DO PROFESSOR NA ESCOLA

Ler ainda é um desafio para muita gente e a dificuldade para interpretar textos pode ser reflexo de como a leitura é ensinada na sala de aula. O incentivo à leitura é fundamental e o professor constitui uma peça importante para que esse trabalho seja realizado dentro e fora da sala de aula.

Os especialistas são unânimes em dizer que a leitura é uma necessidade e, em um país em que as pessoas leem pouco ou quase não leem, o hábito precisa ser estimulado. Esse estímulo deve partir não só do professor em sala de aula, mas também pelos pais e/ou parentes no ambiente familiar.

Existem muitos pontos polêmicos que continuam em debate, sobre os métodos de ensino da leitura em sala de aula, principalmente sobre as formas como esse ensino é disseminado com os alunos e que contrariam o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (p.42), que a leitura não é decifração e nem decodificação ela se constitui muito além.

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler (BRASIL, 1997).

Sabemos que no Brasil vários institutos de pesquisa, como INEP e PROVA BRASIL têm mostrados problemas de leitura dos nossos alunos. Isso prova que não basta ser alfabetizado, porém, tem que ser letrado entendendo e discutindo o que se lê, desenvolvendo competência discursiva (ALMEIDA E SANTOS 2014 p.31).

A leitura não se restringe só aos livros, textos, revistas, materiais impressos de um modo geral. Produzimos leitura o tempo todo como, por exemplo, quando vemos uma imagem; ouvimos uma música; assistimos a uma encenação; até quando analisamos os gestos de alguém, estamos fazendo leitura.

Mesmo com um mundo tão cheio de informações, conforme citado anteriormente, não podemos ignorar a importância da leitura, Cosson (2014 p.18) nos diz que:

Se por um lado, podemos nos intoxicar com tantas informações, gerando a angustia de não saber gerir o excesso de dados superpostos (Cornella, 2011), por outro, não há dúvidas de que

sabemos ler, se temos acesso à leitura, então é possível suprir com as informações hoje facilmente disponíveis uma parte das lacunas de nossa formação.

Esse “acesso a leitura”, não podemos deixar de citar, se dá em primeira instância no convívio familiar, onde temos o primeiro contato com os livros infantis e posteriormente na escola, que por sua vez, deve constituir-se como um espaço de ampliação desta leitura.

De acordo com os PCN's (1997), o papel da escola é formar leitores capazes de compreender os diversos textos literários que estão incorporados às práticas cotidianas dentro e fora da sala de aula. Para tanto, é preciso que a escola centre na organização de estratégias didáticas para prática da leitura.

Porém, apresentar a leitura em sala de aula tem sido um desafio para muitas escolas, segundo Almeida e Santos (2014 p. 27) “a maneira pela qual a leitura é tratada, no espaço escolar, parece não corresponder ao uso da linguagem como atividade interativa, compartilhada, interpretativa e de fundamental importância para a vida cotidiana”, tornando difícil a construção de sentido pelo viés interacionista do qual participam o autor o texto e o leitor. Cosson (2014) corrobora com essa visão sobre o papel da escola no trecho:

Quando a escola falha nesse compartilhamento, no processo da leitura, na função de nos tornar leitores, falha em tudo mais, pois não há o conhecimento sem leitura, sem a mediação da palavra e da sua interpretação, da leitura [...] (COSSON 2014)

Rezende (2013 p. 20) nos fala que tanto o professor como o aluno precisam “renunciar a imposição” de como se processa a leitura em sala de aula. O professor deve trazer seus alunos para o convívio com a leitura, de forma estimulante, partindo-se da recepção do aluno, de convidá-lo à aventura interpretativa com seus riscos, reforçando suas competências pela aquisição de saberes e de técnicas.

O ensino do Português não pode ter seu foco principal na linguagem como código, porque a produção dos alunos se reduz a um trabalho de identificação e correção de erros gramaticais, deixando de lado aspectos discursivos da produção textual tais como: gênero textual a ser produzido; as características da interlocução; objetivos pretendidos pelo autor; tratamento temático, etc..

Geraldi (1997) defende que a orientação teórico-metodológica mais recente para o ensino de Português, é a que o professor une em uma única articulação as



práticas de leitura, produção textual e análise linguística. O autor também fala que por meio dos textos é que alunos e professores vão construindo novos contextos, formando assim um aprendizado mútuo. Ele ainda acrescenta que:

Conceber o texto como unidade de ensino/aprendizagem é entendê-lo como um lugar de entrada para este diálogo com outros textos, que remetem a textos passados e que farão surgir textos futuros. Conceber o aluno como produtor de textos é concebê-lo como participante ativo deste diálogo contínuo com textos e com leitores (GERALDI, 1997, p. 22).

Diante de tais colocações, percebemos que o propósito do trabalho com a leitura, como verificamos nos próprios PCN's (1997, p.40), é formar leitores competentes, logo, podemos assim dizer que o espaço privilegiado para isso é a sala de aula, onde o professor, que atua como um mediador da atividade do aluno com o texto, precisa lançar mão das ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura, permitindo que o aluno compreenda e interprete de forma autônoma os textos lidos.

A maneira com que o professor aborda a leitura em sala de aula dependerá muito do objetivo pretendido para cada uma delas. Adotar uma perspectiva que remeta o aluno à compreensão de que maneira o professor pretende trabalhar o texto, pode fazer com que a leitura se torne mais simples, pois o aluno precisa entender o que e porque está lendo. Solé (1998, p.44), nos retrata isso quando diz que:

Ler é compreender e compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. Por isso, é imprescindível o leitor encontrar sentido no fato de efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e para isso tem de conhecer o que vai ler e para que fará isso. (SOLÉ, 1998, p.44)

Para a autora, os professores são quem de fato contribuem para a melhoria da aprendizagem de leitura. O papel do professor vai muito além de só ensinar a ler. Essa competência precisa ser praticada em um processo contínuo para que os alunos não fiquem somente no que dizem os textos, mas, que incorporem o que eles trazem para transformar seus próprios conhecimentos.

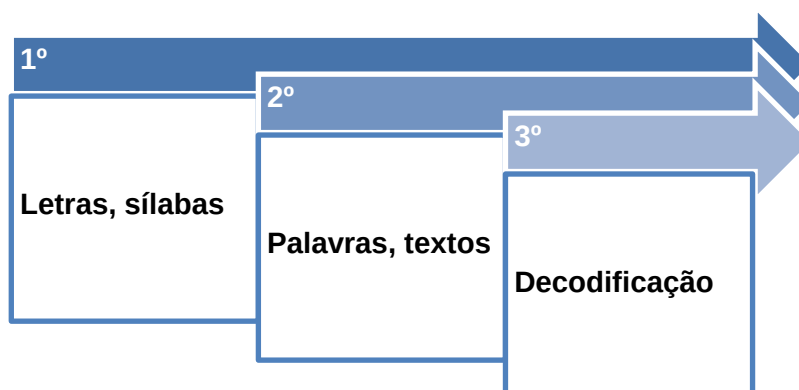
Solé (1998) nos diz que, como base para adotarmos uma perspectiva de leitura, são consideradas quatro concepções: a **Cognitiva**, **Estruturalista**,

**Discursiva e Sociointeracionista**, que o professor deve adotar como estratégias competentes e motivadoras para traçar a maneira de como trabalhar o texto em sala de aula, que permitam que os alunos leiam e compreendam os textos lidos. Estas concepções tornaram-se objetos de estudo de várias disciplinas derivadas da linguística, revelando a complexidade das relações entre conceitos e palavras.

Na concepção cognitiva o foco é no leitor, onde seu conhecimento prévio de mundo é extremamente importante para a construção do entendimento. Dessa forma, podemos ter diferentes interpretações de um mesmo texto, haja vista que o conhecimento que foi armazenado na memória de cada indivíduo é a base para a decodificação do texto. Além disso, a percepção visual é a mais explorada nessa concepção, contudo, torna-se limitada quando o leitor foca nos aspectos mais técnicos e desconsidera o caráter histórico e social da leitura.

Na concepção estruturalista temos o foco no texto, nesta concepção, o conhecimento sociocultural do leitor não é levado em consideração, o papel do leitor se limita a decodificar o texto, transformando letras em sons. É considerado um modo passivo de leitura, onde o leitor respeita uma hierarquia de informações, parte de elementos menores como letras e sílabas, para elementos maiores como palavras, frases e textos. Menegassi (2005, p. 18). Na perspectiva estruturalista, de acordo com Coracini (1995, p. 14), existe apenas uma leitura “correta”, sendo esta a do indivíduo que a propôs. Na figura 1 temos um esquema da construção da decodificação do texto com base na hierarquia de informações.

**Figura 1** - Hierarquia de informações na leitura



Fonte: O autor.

Na perspectiva discursiva se lê o texto como um discurso, levando em consideração às condições para sua produção. De acordo com Panichella (2015), a

visão discursiva nos diz que o texto é uma variedade de textos e se constrói de acordo com condições específicas determinadas pelo seu autor. Por esta razão, é importante destacar algumas características dessas condições de produção: os participantes na interação, autor e leitor; o objeto discursivo; e a representação desses dois elementos no texto. O discurso é um pouco diferente de texto, pois depende da interpretação ideológica, social, histórica e se apresenta como efeito de sentidos, permitindo o processo de significação do objeto do discurso.

Na perspectiva interacionista, o foco é na tríade texto-autor-leitor. Nesta visão, o texto e o leitor são as peças-chave para que haja leitura. Para que um significado seja construído deve haver obrigatoriamente a interação entre o texto e o leitor. As informações consideradas nesse processo não vêm apenas do texto ou do leitor, mas de ambos. Na concepção interacionista, o conhecimento prévio do leitor é extremamente importante e é parte do processo, ele auxiliará na reconstituição da intenção do autor, baseado nas suas escolhas textuais e não sendo necessariamente o pensamento exato do autor. Isso se dá pelo fato de o conhecimento prévio de cada indivíduo possuir variações, logo, o leitor pode encontrar possibilidades de intenções, mas não tem como saber exatamente qual dessas intenções o autor teve ao escrevê-la.

À luz de Solé (1998), a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, fazendo com que este leitor de posse de um objeto de leitura, incorpore e examine o texto, pretendendo alcançar uma finalidade, mesmo sendo esta ampla e variada, fazendo com que o leitor se situe dentro do texto.

Para que este processo aconteça de forma satisfatória, não podemos inibir a liberdade que a leitura pode oferecer. Liberdade essa que vem sendo inibida pelo simples fato que muitos professores ainda acreditam que, se não atribuírem nota aos alunos, estes não farão as atividades de leitura. Porém, se estes professores estiverem dispostos a inovarem suas metodologias de ensino proporcionando um novo caminho para se trabalhar a leitura com os alunos, esta se configurará em um caminho atrativo para formação de novos leitores.

Fora este fator supracitado, temos inúmeras pesquisas que nos falam um pouco da trajetória de ensino da leitura e as suas dificuldades, tanto das escolas como dos professores, as quais não nos aprofundaremos para não fugirmos muito do objetivo deste trabalho, porém, deixo aqui uma citação de Almeida e Santos (2014 p.30) que nos fala sobre questões pertinentes, a não acessibilidade do

professor ao ensino de leitura e que muitas das vezes carrega consigo, injustamente, a culpa pela falha dessa tarefa.

[...] o que nos preocupa é o fato de como quebrar essa corrente de que o professor não possui uma qualificação adequada, não há tempo para preparar as aulas, quase não ler. Interessa-nos investigar: como fazer o desenvolvimento de práticas de ensino que atendam aos PCN, cujo ensino de gênero é primordial, se não houver uma re-organização didática curricular? Como e quando um tipo de leitura é mais adequado que outro? (...) o que se espera do professor e da escola, no processo de ler e de ensino da leitura? [...] (ALMEIDA E SANTOS, 2014, p.30).

Dúvidas e incertezas há muito tempo vêm reverberando no contexto escolar trazendo estes e outros questionamentos. Cosson (2006) nos diz que a leitura precisa ser aprendida e ensinada, precisa de uma sistematização. Por exemplo, não se aprende a ler literatura naturalmente, pois não nascemos leitores, principalmente leitores literários. Para se constituir como leitor, o aluno precisa passar pelo processo que é a leitura.

Assim sendo, o professor torna-se peça importante na criação de um sujeito ativo e participativo que, percebendo o mundo ao seu redor, consegue refletir sobre o meio em que vive em todas as relações por ele vivenciadas.

### 1.1. O livro didático nos documentos oficiais

A LDB nº 9394/96, em seu artigo 4º, inciso VIII, diz que: “O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante garantia de atendimento do educando no Ensino Fundamental, por meio de programas suplementares de material didático [...]” (LDB p. 2).

O livro didático (LD) tem seu papel importante em sala de aula. Coadjuvante do professor, por serem facilitadores da rotina docente, o livro didático deve ser usado de maneira sistemática e metodológica no processo de ensino e aprendizagem e deve ter sua linguagem voltada para a área que se propõe.

Esteves (2014) diz que o livro didático foi escrito para “dois leitores em particular: [...] o professor e o aluno”, portanto, ele deve “conversar” com esses dois leitores. Ela ressalta também, que o livro didático não deve ser usado pelo professor como o único recurso ou principal fonte de conhecimento para o ensino e

aprendizagem, pois, em primeiro lugar deve estar o programa de ensino que é formulado e pensado de maneira a atender aos objetivos de ensino e às necessidades de um público específico.

Após o processo de escolha do livro didático que vai da seleção à sua permanência em sala de aula, Lajolo (1988) diz que seu uso precisa ser planejado de acordo como o que se trabalha com os alunos, pois assim, o livro didático cumpre seu papel de estabelecer o diálogo entre ele e o leitor: “Pois é só na interação entre o saber que se traz do mundo e o saber trazido pelos livros que o conhecimento avança”.

Sendo o livro didático um instrumento auxiliar no processo de construção do ensino, podemos dizer então, que o aluno não irá aprender por ele somente se utilizando de suas informações e sim pelo programa de ensino do professor que deve contemplar objetivos, recursos, metodologia clara e metas a serem atingidas ao final do ano letivo e o livro didático deve ser apenas um dos recursos utilizados para o cumprimento desse programa.

Após a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998), o livro didático passou a ser observado com mais criticidade em relação ao espaço que a leitura ocupa nele. Por muitas vezes ele tem uma leitura não muito aprofundada, servindo somente como aporte para o ensino de gramática.

Melo e Cavalcante (2014), destacam o papel importante da linguística nas mudanças da educação a partir dos anos 80, que evidencia a língua com o “foco voltado para o uso”.

[...] a formação de um cidadão capaz de utilizar adequadamente sua língua ao ler, ouvir, falar e escrever textos, sobretudo nas instâncias públicas de emprego da linguagem, possibilitando, assim, sua inserção efetiva no mundo letrado e ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

E, para evidenciar essa nova postura, as autoras citam os documentos oficiais, descrevendo os papéis de cada um deles, e sua importância para implementar novas políticas educacionais na escola.

Criado pelo Ministério da Educação – MEC, o PNLD vêm utilizando novos conceitos educacionais e desenvolvendo um trabalho analítico e avaliativo dos livros didáticos das mais diversas áreas de ensino, e, juntamente com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), promovem a propagação de forma

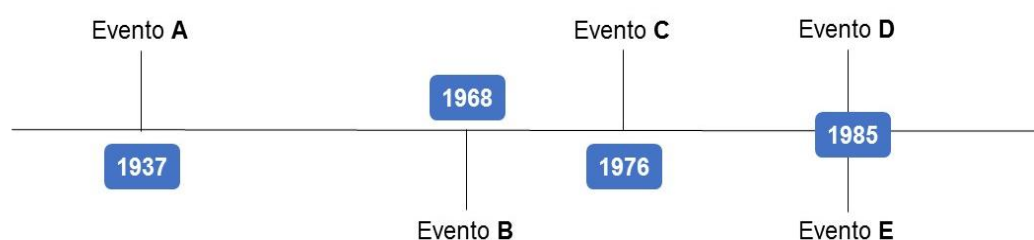
gratuita tanto de livros didáticos como de dicionários de Língua Portuguesa de modo a viabilizar um ensino de qualidade para professores e alunos da rede pública. E, já que falamos no PNLD, não podemos deixar de citar, ainda que superficialmente, o Guia de livros Didáticos, (que já passou por várias versões) elaborado com todo o cuidado para tornar-se não só “instrumento de apoio aos professores na escolha dos livros didáticos” como também, “um instrumento de formação para o professor, tanto para aqueles que estão em formação inicial, os graduandos, quanto para aqueles que estão na sala de aula”, coadjuvante na formação continuada.

Espera-se que os professores façam uso de todos esses documentos que foram citados aqui: a Lei de Diretrizes e Bases, os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Guia do Plano Nacional de Livros Didáticos, como leitura obrigatória, sendo realmente fontes norteadoras para o ensino em língua portuguesa.

## 1.2. O livro didático e os fragmentos de leitura

Como vimos no início deste capítulo, os livros didáticos são instrumentos facilitadores do ensino, porém podem ser a causa do comodismo do professor em algumas situações e, conseqüentemente, refletir no aprendizado da literatura do alunado.

**Figura 2** - Linha do tempo do Livro Didático



| Detalhamento dos eventos da linha do tempo do livro didático |                                                              |
|--------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| Evento A                                                     | Distribuição e divulgação de obras de interesse educacional. |
| Evento B                                                     | Criação da Fundação Nacional do Material Escolar – FENAME.   |
| Evento C                                                     | Criação do Programa Nacional do Livro Didático.              |
| Evento D                                                     | Criação do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD.          |
| Evento E                                                     | Criação do decreto 9.154/85 e implementação do PNLD.         |

Fonte: Próprio autor.

Na figura acima temos uma linha do tempo do livro didático, desde sua criação até a sua implementação propriamente dita. Concomitante à criação do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD, foi criado o decreto nº 9154/85 o qual regulamenta, implementa e estabelece a avaliação periódica dos materiais didáticos. Sendo assim, o decreto assegura que os livros didáticos são de qualidade e podem ser utilizados como base para o ensino.

O uso do livro didático pode ter sido visto como a solução para os problemas dos professores: organização de conteúdo e máximo aproveitamento do tempo de aula. Sendo este dinâmico, objetivo, sucinto e visual, o livro didático veio como facilitador da vida do professor e do aluno, não sendo mais necessário passar grande parte da aula “copiando do quadro” os conteúdos programados para a aula. Porém, hoje se vê um comodismo por parte dos professores, com conteúdo programático cada vez mais extenso e tempo de preparação de aulas reduzido; e por parte dos estudantes, preocupados exclusivamente em passar dos testes e pouco interessados na leitura propriamente dita (OLIVEIRA; CORSO, 2010). Por esta razão, o LD se torna um aliado indispensável, dinamiza a relação professor-aluno garantindo a ambos seus objetivos, o de ensinar e o de “passar” na matéria.

Em função da diversidade e a variabilidade de letramentos permeados por gêneros e textos, os livros didáticos em sua maioria não trazem mais em suas coletâneas os textos de esfera literária. Contudo, os que ainda os tem, são utilizados muitas das vezes pelos professores como métodos para o ensino da linguística e outras para desenvolver a leitura propriamente dita. Por serem apenas trechos, acabam por distanciar os alunos dos textos integrais e do próprio desejo de ler.

Não estamos dizendo com isso que não é possível formar leitores com fragmentos literários, porém, com a preocupação de alguns alunos em passarem nos exames bem como a dos professores em passar os conteúdos, acaba por tornar o livro didático, quando usado como única fonte de informação, um agente enfraquecedor dos limites investigativos, bloqueando a curiosidade intelectual dos alunos sem que estes se dediquem a leitura de uma obra completa.

Até meados dos anos 1970, o livro didático continha mais textos de cunho literário em seu conteúdo e, por esta razão, foi considerada uma época privilegiada por Ramos e Corso (2010). Com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o foco sai do aprendizado da literatura e a diversidade de gêneros ganha seu espaço, proporcionando aos alunos textos fragmentados e sem contexto, e, além disso,

diversos gêneros passaram a ser tratados com um padrão, desconsiderando seu modo de construção e consequentemente provocando um (des)envolvimento do leitor com o texto.

Diante do exposto percebe-se um dilema, ao passo que o livro didático é aclamado por editoras onde possuem a certeza da vendabilidade do material, que por sua vez, possui o apoio do sistema de ensino (desde governo a educadores), este mesmo livro didático é criticado por outro grupo de professores por promover a fragmentação da leitura e prejudicar na formação de novos leitores.

Ramos e Corso (2010) levantam uma questão pertinente quando apontam que uma das raízes do problema pode ser associada ao “despreparo” do estudante de letras durante seu curso de graduação. Muitas vezes, os professores recém-formados se sentem incapazes de produzir uma literatura ou formularem uma análise crítica de uma obra ainda não disseminada. Logo, pergunta-se: como formar leitores se o educador não é leitor? Não há como generalizar, mas grande parte deste problema parte da insegurança do professor em alguns casos.

O livro didático de língua portuguesa “Singular & Plural: Leitura, produção e estudos de linguagem”, de autoria de Laura Figueiredo, Marisa Balthazar e Shirley Goulart foi o livro adotado pela escola onde o estágio supervisionado foi realizado. Os detalhes do relato de experiência serão contemplados no capítulo 3. O livro em questão organiza-se em três cadernos: Caderno de Leitura e produção; Caderno de Práticas de literatura e Caderno de Estudos de língua e linguagem.



## 2. O CÍRCULO DE LEITURA

Cosson (2014) destaca o valor da leitura explicitando a concepção de leitura como um diálogo e defende que o círculo de leitura se processa por meio de quatro elementos: leitor; autor; texto e contexto. Estes elementos sintetizam o que concordam as teorias de leitura para a formação de um bom leitor.

Com relação aos saberes sobre o texto, percebemos que os alunos já possuem algum conhecimento prévio, memórias de infância quando lhes eram apresentados, em geral, contos e fábulas das quais eles memorizam e sedimentam. Conforme Resende (2013):

Conhecimento dos gêneros, poética dos textos, funcionamento dos discursos etc. – são descobertos e adquiridos no âmbito da leitura. O estudo de uma obra integral, por exemplo, permite descobrir, identificar e compreender os fenômenos sobre os quais serão estabelecidos conceitos e noções que, ao longo do tempo, se transformarão em ferramentas de leitura.

Os alunos são capazes de compreender que existem muitas maneiras de ler, porém, eles precisam ter estratégias para esta leitura, seja ele bom, médio ou péssimo leitor. Muitas das vezes, mesmo sendo um bom leitor, ele não tem noção de como fazer para ter uma boa leitura. Isso se torna facilmente percebido quando o professor faz perguntas referentes ao texto, mas o aluno fica perdido e uma das causas deste problema, pode ser associada à falta dessas estratégias de leitura.

As estratégias de leitura existentes permeiam em formas, métodos e técnicas que os leitores podem usar para adquirir a informação, ou ainda procedimentos ou atividades escolhidas para facilitar o processo de compreensão em leitura, neste trabalho, vamos nos limitar a falar apenas sobre uma dessas estratégias: o método do círculo de leitura.

Cosson (2014) desmistifica as práticas de leitura nos moldes convencionais, onde a escola é o único espaço para a formação de leitores, fazendo com que a concepção de letramento literário seja validada como prática social e a da leitura como diálogo, evidenciando mais uma vez que a leitura está em toda parte.

## 2.1. Conceito e características

Sendo considerado uma das estratégias mais originais e mais simples, o círculo de leitura tem estado cada vez mais presente nas salas de aulas. Original, no sentido de envolver os alunos de uma maneira total, o círculo tende a proporcionar o aprendizado mais acessível aos seus atores. Baseia-se na forma mais antiga de trazer conhecimento através da leitura, porém, permite que o leitor tenha a oportunidade de captar a riqueza de um texto ou de um livro, não só em superfície e sim em sua profundidade mais complexa. Tal feito pode ser alcançado de modo individual, contudo, em alguns casos torna-se mais fácil fazê-lo em um grupo ou comunidade onde as pessoas leem em voz alta.

Como prática de leitura e compartilhamento de textos, o círculo de leitura consiste basicamente na reunião de um grupo de pessoas, em encontros sucessivos, para discussão de uma obra literária ou não. Também pode receber outros nomes, tais como: clube de leitura, clube do livro, círculo de literatura, oficina de leitura, dentre outros.

Cosson (2014) classifica o círculo de leitura em três tipos: o **círculo estruturado**, o **círculo semiestruturado** e o **círculo não estruturado**. O que diferencia um círculo do outro são seus interesses, características da comunidade que o frequenta, ambiente onde é realizado (físico ou virtual), dentre outras características que torna cada círculo de leitura único (LIMA, 2016).

O círculo estruturado é caracterizado por sua formalidade, uma vez que segue um formato rígido, todos os integrantes possuem uma função clara no grupo, há um roteiro a seguir e tudo é mediado através de registro, antes e após as discussões.

No segundo modelo, o círculo semiestruturado, como o seu nome já sugere, ele não possui um formato tão engessado como o primeiro. Não há um roteiro a se seguir, mas há orientações a serem seguidas de modo a guiar o andamento do grupo. Nesse tipo de círculo, um moderador é o responsável por guiar o grupo, podendo este adiantar ou voltar uma leitura, bem como aprofundar ou ampliar a mesma e promover alguns esclarecimentos sobre ela, quando necessário.

No terceiro tipo de círculo, aberto ou não estruturado, o modo de conduzir as reuniões é totalmente democrático. Os seus membros revezam a condução dos encontros entre si, de modo que não há roteiro ou regras fixas a serem seguidas, o andar da leitura e o modo de debate posterior pode ser “ditado” pelo “moderador” da

vez. É extremamente informal e se assemelha a uma conversa entre amigos ou familiares.

Para que essa estratégia de círculo de leitura seja aplicada na escola, é necessário que o professor avalie o grau de maturidade de seus alunos, assim ele poderá definir que tipo de círculo irá ser mais eficiente para que o conhecimento flua entre eles. No início, para que os atores sociais envolvidos aprendam a prática da leitura nos moldes do círculo de leitura, ele deve ser mais estruturado e guiado pelo professor, porém, visando despertar o interesse dos seus participantes, é interessante que o educador permita a real interação dos seus integrantes, partindo da escolha do livro.

Cosson (2014) e Daniels (2002), possuem um passo a passo de como implementar o modelo na escola, seguindo um cronograma e o grupo de leitura deve ser pequeno, para que haja um melhor acompanhamento por parte do professor e maior aproveitamento de conteúdo por parte dos estudantes.

## 2.2. Como funciona na teoria e na prática

Pode-se dizer que o círculo de leitura parte do conceito de comunidade de leitores. De acordo com Peruzzo e Volpato (2009), comunidade é definida como um grupo social que possuem interesses comuns, especificidades e podem ou não serem delimitadas por um local físico. Aplicando este conceito às comunidades de leitores, podemos então dizer que cada comunidade possui um “tom” próprio para definir seus textos e a forma como eles são lidos e interpretados.

Cosson (2014, p. 138-139) nos diz que:

[...] uma comunidade de leitores é definida pelos leitores enquanto indivíduos que, reunidos em um conjunto, interagem entre si e se identificam em seus interesses e objetivos em torno da leitura, assim como por um repertório que permite a esses indivíduos compartilharem objetos, tradições culturais, regras e modos de ler.

Diante dos conceitos citados acima, pode-se afirmar que o círculo de leitura é uma comunidade mais evoluída. O ato de ler em conjunto torna a prática da leitura extremamente enriquecida e dinamizada, deixando evidente os interesses dos membros do círculo. Ao lerem juntos, os integrantes podem se apropriar e manipular os elementos com maior grau de consciência (COSSON, 2014).

Trazendo para a realidade escolar, o círculo de leitura tem um caráter formativo, mediado por um professor, o círculo permite que os estudantes façam a leitura de um texto (escolhidos por eles) em grupo, incentiva interpretações, estimula os estudantes a saírem de sua zona de conforto e promove o desenvolvimento do leitor.

A parte mais prática do círculo de leitura podemos dividir em dois momentos: o passo a passo de como ele deve funcionar e as funções que os integrantes do círculo podem assumir. Iniciando pela forma como funciona um círculo, Daniels (2002) traz onze passos de como este deve ser conduzido, como mostra a tabela 1.

**Tabela 1** - Características do círculo de leitura

| Características do Círculo de Leitura |                                                                     |
|---------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| <b>A</b>                              | A escolha da obra é feita pelos estudantes;                         |
| <b>B</b>                              | Grupos pequenos e não fixos;                                        |
| <b>C</b>                              | Uma obra distinta por grupo;                                        |
| <b>D</b>                              | Os grupos devem seguir um cronograma anual;                         |
| <b>E</b>                              | Devem ser feitas anotações durante a leitura para posterior debate; |
| <b>F</b>                              | Os tópicos discutidos devem ser definidos pelos estudantes;         |
| <b>G</b>                              | As discussões são livres;                                           |
| <b>H</b>                              | O papel do professor é facilitar o processo;                        |
| <b>I</b>                              | A avaliação é feita por observação e autoavaliação dos alunos;      |
| <b>J</b>                              | O círculo proporciona muita interação;                              |
| <b>K</b>                              | Os grupos se formam a partir da escolha individual da obra.         |

Fonte: Daniels (2002) adaptado pelo autor.

É extremamente importante salientar o papel do professor durante a proposição do círculo, pois é ele quem vai fazer uma pré-seleção das obras que serão trabalhadas em sala de aula; montar o cronograma que pode ser bimestral, semestral ou anual; definir e/ou criar as funções dos integrantes do círculo, alternando entre eles, de modo que todos consigam exercer todas as funções; além de guiar as discussões e avaliar o desempenho dos estudantes.

Daniels (2002) montou uma lista de nove funções: o conector; o questionador; o iluminador de passagens; o ilustrador; o dicionarista; o sintetizador; o pesquisador; o cenógrafo e o perfilador. Apesar de criar e descrever essas funções, o autor diz que, dentre estas, apenas quatro são essenciais: conector é o membro responsável por ligar o que foi lido com a vida; questionador, responsável por criar perguntas aos seus colegas de grupo acerca do que foi lido, provocando o grupo a pensar o porquê do personagem “x” agir de tal modo, ou qual o sentido do evento “y” ter acontecido; iluminador de passagens, membro que escolhe um personagem para descrevê-lo para o grupo, explicando sua aparência, sua atitude, sua importância etc.; o ilustrador, integrante responsável por trazer imagens para ilustrar o texto, seja sobre um cenário propriamente dito, seja por sentimento que o texto passe, ou algo que ele julgue relevante para ser ilustrado sobre o que foi lido (COSSON, 2014).

As funções em um círculo de leitura podem ser classificadas como uma ferramenta importante para o desenvolvimento do trabalho, que podem ser fixas (como as quatro funções essenciais descritas por Daniels), ou mutável a depender do número de integrantes proposto pelo professor. Estas funções podem ser criadas pelo professor de acordo com a finalidade da atividade apresentada por ele, ou seja, em uma mesma turma podem ter círculos com funções diferentes e trabalharem ou não um mesmo texto/obra.

### 3. DESENVOLVENDO O GOSTO PELA LEITURA

Como exposto no capítulo 1, o hábito de ler ainda não é corriqueiro no dia-a-dia dos brasileiros. Dito isso, percebemos o desafio que o educador possui ao tentar desenvolver essa habilidade nos seus estudantes, e promovê-la a uma atividade prazerosa.

Adquirir gosto pela leitura não é tarefa fácil, uma vez que não depende apenas do professor, mas também da recepção do leitor frente a um texto. Contudo, o modo como o docente introduz a leitura ao seu aluno, será um fator determinante para o sucesso do seu processo de formação. Para isso, é importante o educador estimular a participação efetiva do seu aluno, ouvindo suas opiniões e preferências, pois, uma vez ignorado isso, poderá gerar frustração e desestimulará seu hábito de ler (MEIRELES, 2010).

Para auxiliar nessa tarefa, o docente pode e deve traçar estratégias didáticas que permitam facilitar o entendimento e estimular a leitura. Uma dessas estratégias pode ser o simples ato de levar os estudantes à biblioteca da escola, permitir que os alunos escolham seus livros e a partir disso, desenvolver alguma atividade. É importante que o professor mostre aos seus alunos que o ato de ler não é monótono, ele pode ser uma atividade divertida e libertadora, pela qual cada um pode deixar sua imaginação fluir.

Como diz Caldas (2016),

[...] a leitura serve de entretenimento para a criança, ela propicia a posse de informações em relação a diversos contextos na área do conhecimento, constituindo caminhos que conduzam ao atendimento das necessidades do ser humano e sua inserção no mundo.

Quando o educador propõe a leitura de texto em sala de aula, é importante que esse texto seja do interesse dos seus estudantes, algo que desperte a curiosidade e, conseqüentemente, a sua vontade de ler.

### 3.1. Debates com os alunos para escolha dos temas propostos para leitura

No período de 10 de outubro a 21 de novembro de 2017, foi realizado na Escola Municipal Olívio Ribeiro Campos o estágio supervisionado IV e V. A escola que possui 45 profissionais e 820 alunos matriculados, distribuídos entre Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (EJA), está inserida próximo a comunidade do Timbó no bairro dos Bancários em João Pessoa-PB. O público-alvo da escola são alunos mais carentes que vivem no seu entorno.

Os objetivos do estágio supervisionado foram observar a metodologia empregada pela professora responsável pela turma e propor uma metodologia alternativa que estimulasse a leitura e o senso crítico nos alunos. Uma das principais adversidades encontradas pelos estudantes ao chegar no ensino médio é a dificuldade de ler e interpretar textos. Pensando nisso, a turma escolhida para desenvolver as atividades do estágio foi a do 9º ano. Por ser pequena, a turma de 15 estudantes demonstrou ser comportada e ater-se à professora durante as aulas.

Uma das melhores estratégias encontradas durante minha experiência no estágio supervisionado foi o debate. Começamos o debate pedindo para que os alunos se apresentassem e falassem um pouco de si, na maioria das apresentações, eles só diziam o nome e, por serem tímidos demais, pouco falavam de si mesmos. Depois das apresentações, pedimos que eles nos dissessem o que mais gostavam de ler, citaram gibis, revistas, notícias, e somente alguns alunos citaram o livro como uma fonte prazerosa de leitura.

Como tínhamos pouco tempo para trabalhar com uma literatura inteira, optamos por trabalhar com textos curtos. A escolha foi feita por nós juntamente com a professora, utilizando o seguinte critério: queríamos que os temas já servissem de base para o segundo debate, quando abordaríamos temas do cotidiano dos alunos, como relações familiares, padrões de beleza, respeito, amor, fidelidade, relacionamento moderno, diálogo, mentira, perdão, traição, submissão da mulher, machismo, entre outros.

Esta atividade teve como objetivo estudar o perfil dos estudantes, descobrindo quais os temas mais comuns entre eles e, a partir disso, propor gêneros e temas que se adequassem ao nosso público-alvo.

Baseado nas conversas durante o debate, foi possível apurar várias histórias e realidades familiares distintas. O que nos permitiu abordar no debate temas diversos sendo extremamente rico e proveitoso. Como a maioria dos temas abordados era ligado ao dia-a-dia, decidimos eleger três gêneros textuais: a crônica, o conto e o poema.

A crônica é um texto breve e intimamente ligado ao cotidiano, este gênero pode ter um tom mais humorístico, conferindo a ele leveza. Possui poucos personagens com uma ou duas características (o narrador pode ser ou não deles) e o assunto é uma vivência particular, seja ela uma conversa, notícia ou observação. O conto também é um gênero narrativo, possui texto curto, personagens bem elaborados e enredo. Ligado à ficção, o conto estimula a capacidade criativa do seu autor. Sendo o poema também um texto que tem por função transmitir sentimentos e emoções, é estruturado em versos e estrofes. Pode ser exposto em forma de música ou monólogos, formas que aguçam ainda mais os sentimentos do leitor/ouvinte ao ter contato com o gênero. Os três gêneros escolhidos para as atividades são extremamente fáceis de serem compreendidos em sala de aula e foram escolhidos a partir do que foi discutido durante o debate.

Após a definição dos gêneros, buscamos textos que fossem parecidos com os temas citados pelos estudantes em sala de aula, foram eles: a crônica “Defenestração” de Luís Fernando Verissimo, texto extraído do livro “Comedias para se ler na escola”, 2001, pág. 29; o conto “Família é uma merda” de Ruben Fonseca, texto extraído do livro “Pequenas criaturas”, 2002, pág. 32; o poema “O caso do vestido” de Carlos Drumont de Andrade, texto extraído do livro “Nova Reunião-19 Livros de Poesia”, 1985. Com o material em mãos, foi proposta a atividade de círculo de leitura.

Rildo Cosson propõe o círculo de leitura com vistas em uma obra completa. Contudo, considerando o curto período que tivemos para desenvolver nosso trabalho na escola, adaptamos o círculo de leitura a um texto curto.

### 3.2 Descrição do procedimento metodológico: um relato de experiência

Após ouvir os alunos, foi iniciada a apresentação do círculo de leitura, explicando aos alunos de forma bem sucinta, como este se desenvolve. Preferimos



não entrar em detalhes tão técnicos para não confundir a cabeça dos alunos, uma vez que eles não haviam ainda participado de um círculo de leitura. Optamos por falar superficialmente e ir praticando, e, à medida que fossem desenvolvendo a atividade, avançar na metodologia aplicada.

A turma foi dividida em três grupos de cinco alunos e para cada grupo foi designado um texto diferente. Após a seleção do texto, foi realizada uma aula explicando as nove funções principais do círculo de leitura como descritas no capítulo 2, das quais cada estudante teve a liberdade de escolher sua função. Os alunos não sentiram dificuldades em entender as funções pois, durante a explicação, exemplificamos cada uma. Após cada grupo trabalhar com seu texto, foi feita a troca dos textos até que todos tivessem trabalhado com os três textos.

Terminada a etapa de leitura, fizemos um novo debate relacionando o que foi lido com as experiências que haviam sido relatadas no debate anterior. Nesse momento, os estudantes puderam expressar suas opiniões sobre os textos e sobre os personagens, inferiram as situações fictícias com as suas próprias realidades, houve muita interação.

Após o segundo debate, foram ministradas aulas sobre os gêneros textuais utilizados no círculo de leitura. As aulas foram expositivas, com auxílio de slides e material impresso e teve os seguintes objetivos: desenvolver o senso crítico e analítico; identificar os elementos que compõem os gêneros citados; estabelecer relações entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo); discutir relações do contexto histórico do texto e discutir o tema do texto trabalhado. Além de fixar o conhecimento introdutório sobre gêneros textuais.

Todo o processo foi bem aceito pelos alunos e despertou o interesse deles pela disciplina de língua portuguesa. A atividade proposta a seguir foi a produção textual.

Produzir um texto é um processo criativo que demanda de um estímulo, da vontade de expor uma visão sobre um determinado tema ou situação, que pode ser real ou fictícia. Como diz Herreira (2000, pg. 35), “produzir texto é dar à luz novas ideias, é colocar no mundo produções escritas que nunca foram criadas antes por outras pessoas. Nunca, pelo menos de forma idêntica”.

Como todo processo criativo, é importante que o criador se sinta completamente à vontade e seguro para externar seus anseios, sentimentos, vontades e desejos em forma de texto. Ao propor uma produção textual,

inicialmente, o professor-mediador deve deixar bem explícito que naquele momento o aluno pode escrever sem medo de errar, sem medo de ser julgado ou avaliado duramente. Isso evitará bloqueios que geralmente são criados na introdução da escrita mais discursiva. Após esse primeiro momento, o professor pode ir mostrando os pontos altos do texto, avaliando seu conteúdo e deixando a gramática em segundo plano, para não assustar o estudante.

Para produzir um texto é necessário que o escritor tenha conhecimento pleno daquilo que escreve, seja por meio de leitura, música, obras de arte, peças teatrais, acontecimentos da sua rotina diária etc., não importa de onde venha a inspiração, desde que seja apresentado com clareza.

Não há como dissociar a escrita da leitura, é fundamental que o escritor tenha uma formação leitora, não só para obter conhecimento sobre um dado assunto, mas também para promover um enriquecimento no seu vocabulário e desenvolvimento do senso crítico. Como diz Antônio e Jesus (2017, p.25),

Ler é fundamental para que os alunos se tornem produtores de textos com qualidade. Dessa forma, compreendem o que estão lendo e é por meio da aprendizagem dos gêneros textuais e das estratégias de leitura, ensinados em sala de aula, que é possível a busca pelas competências leitora e escritora, nesse processo de ler, escrever e compreender o texto com autonomia.

Vale ressaltar que toda forma de estímulo é válida, inclusive a arte é uma das maiores aliadas neste sentido, à luz de Herreira (2000, p. 36): “a arte é um recurso de fundamental importância para que o aluno produza um bom texto. Através da música, dança, teatro, pintura, poesia, o aluno é capaz de desenvolver um trabalho muito mais elaborado porque ele é um personagem atuante e não um mero expectador”. O estudante deve ser ouvido e se sentir parte do seu processo de formação.

Assim como na formação leitora, existem várias estratégias para desenvolver a produção textual em sala de aula, uma delas é de (re)escrever um texto. O ato da reescrita é um exercício para a produção autoral. Ao reescrever um texto a partir da sua interpretação, o escritor aborda o mesmo tema do autor lido, contudo, sob sua ótica. Foi exatamente o que foi proposto durante as atividades do estágio, a ideia era

que os alunos produzissem três textos diferentes com base nos materiais trabalhados nos círculos de leitura.

Visando manter todas as atividades planejadas no projeto, foi proposto aos grupos uma produção textual coletiva, na qual cada grupo escolheu um dos três textos trabalhados no círculo de leitura para fazer um texto no gênero peça de teatro. Para que isso fosse possível, foi ministrada uma aula sobre produção textual que teve como objetivos: estimular a produção textual de forma atrativa; elaborar produções textuais coesas e coerentes, a partir dos textos utilizados no Círculo de Leitura; escolher um tema transversal como alvo principal e mantê-lo sem perder o foco; intertextualizar a peça criada com um dos textos do Círculo de Leitura; relembrar e empregar as características do gênero Peça de modo adequado.

Ao terminar a aula sobre produção textual, os grupos entregaram seus textos e na sequência foi apresentada a encenação desses textos. Seguindo o tema central do texto escolhido, o grupo poderia criar uma história completamente nova ou fazer uma releitura da história original.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O círculo de leitura provou ser uma metodologia fácil, prática e prazerosa de ser aplicada em sala de aula. Foi de suma importância, pois levou os alunos a praticarem a leitura de forma analítica e crítica, de forma que puderam trabalhar a interpretação textual e sentiram-se estimulados a contextualizar as leituras dentro e fora da sala de aula.

Além disso, o círculo de leitura foi muito bem aceito pelos estudantes e pela professora titular da disciplina. Inclusive, a professora chegou a comprar o livro que usamos como base para as atividades no estágio, visando aprofundar mais seus conhecimentos sobre a metodologia trabalhada.

Há muito o que se estudar a respeito de estratégias de leitura e escrita, mas foi gratificante ver a “semente sendo plantada” na escola onde aplicamos as atividades. Os estudantes ficaram tão empolgados que alguns se emocionaram ao saber do término do projeto. Isso prova como inovar e sair da zona de conforto pode nos dar um retorno extremamente positivo.

Uma justificativa para tal aceitação, é que a metodologia empregada buscou, ao ouvi-los no debate, entender e centrar os alunos antes de qualquer atividade posterior. Isso fez com que os alunos se sentissem importantes e estimulados para aprender língua portuguesa.

Outra consideração pertinente é em relação ao livro didático, ele tem sua importância na formação do estudante, porém, a introdução de uma metodologia alternativa se mostrou eficaz no que diz respeito, principalmente, na formação leitora. O LD pode nos ajudar a guiar os estudos em relação à gramática, mas não deve ser o único instrumento de leitura, por exemplo. Por trazer (na maioria das vezes) fragmentos de obras em seu conteúdo, isso pode prejudicar o despertar da leitura no alunado.

Além disso, como foi falado no decorrer deste trabalho, para que uma atividade de leitura ou de escrita seja realizada com sucesso, o tema abordado nas atividades deve despertar a curiosidade e o interesse dos alunos. Buscar sempre estratégias e

metodologias diferentes para cada assunto abordado em sala pode ser uma solução para a falta de interesse nas aulas.

## REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Alzira Maria; JESUS, Kellen Padovani Ciriaco de Calais. **Da Leitura à Escrita: estratégias de leitura e produção textual no 3º e 4º ano do ensino fundamental**. 2017. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins, 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Senado Federal. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. 1997.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 16 julho. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Universidade federal de Brasília, centro de educação a distância. 2 ed. Brasília. 2008.

CALDAS, Lisandra Máira. **O desenvolvimento do gosto pela leitura por meio da contação de histórias no 3º ano do ensino fundamental**. 2016. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins, 2016.

CORACINI, Maria José. **O jogo discursivo em sala de aula: um jogo de ilusões**. Campinas: Pontes, 1995. 141 p.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014. 189 p.

HERREIRA, Aparecida da Silva. **Produção textual no ensino fundamental e médio: da motivação à avaliação**. 2000. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13. Edição. São Paulo: Cortez, p.155-157, 2011.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina (Orgs.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LAJOLO, Marisa. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. In: **Em Aberto**, v.16, n.69, pp.3-7. 1996. Disponível em <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2061/2030>>. Acesso em 01 agosto 2019.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Conceitos de comunidade, local e região. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. 2009.

MEIRELLES, Elisa. Literatura, muito prazer. **Revista Nova Escola**. Ano XXV. Nº 234. Agosto de 2010.

MENEGASSI, R. J. (Org.). **Leitura e ensino: conceitos de leitura**. Maringá: EDUEM, 2005.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CORSO, Gizelle Kaminski. Livros didáticos - fragmentos e retalhos de (in)formação literária? **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 32, n. 2, p. 241-254, jul./dez. 2010

PANICHELLA, Fernanda Callefi. **Concepções de leitura: diferentes perspectivas para a linguagem e o texto em sala de aula**. 2015. 2 v. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

REZENDE, Neide Luzia de. DALVI, Maria Amélia. **Leitura de literatura na escola** 1ª edição - São Paulo, SP: Parábola, 2013.

SILVA, Aline Araújo Caixeta da. **A linguagem escrita na educação infantil: orientações, concepções e perspectivas**. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## **ANEXO I – Plano de aula**

### **Aulas I e II**

**Carga Horária:** 90 minutos

**Unidade de Ensino:** Apresentação do Círculo de Leitura e Desenvolvimento do Círculo

**Conteúdo:** Leitura.

#### **Objetivos:**

- Distinguir ficção de realidade;
- Relembrar os aspectos do gênero Poema (já trabalhado no livro didático);
- Aprender e utilizar de maneira eficaz as funções interpretativas de Rildo Cosson;
- Discutir os temas transversais nos textos: relações familiares, padrões de beleza, respeito, amor, fidelidade, relacionamento moderno, diálogo, mentira, perdão, traição, submissão da mulher, machismo, entre outros;
- Intertextualizar os textos do Círculo de Leitura.

**Procedimentos metodológicos:** Apresentar aos alunos a dinâmica que será trabalhada durante as próximas aulas e como funciona o Círculo de Leitura. Mostrar os gêneros escolhidos, Conto, Crônica e Poema, e rememorar as características de cada um junto aos alunos (se necessário podem fazer anotações no caderno). Pedir que os alunos se dividam em 3 grupos de 5 pessoas. Depois serão entregues os textos. Cada grupo ficará com um texto diferente do outro. Antes dos grupos começarem a leitura, serão entregues as folhas com as funções que cada participante do grupo terá. No total são 9 funções: Perfilador, Sintetizador, Cenógrafo, Iluminador de Passagens, Pesquisador, Dicionarista, Desenhista, Questionador... que serão explicadas aos alunos que por fim, após a leitura, iram escolher 5 dentre as 9 funções (funções individuais que não devem ser repetidas no mesmo grupo) e discorrerão no caderno para o debate na próxima aula. Este procedimento será repetido até os 3 grupos utilizarem os 3 textos.

**Recursos didáticos:**



- Folhas Ofício A4 com textos: o conto “Família é uma merda” de Rubem Fonseca, a crônica “Defenestração” de Fernando Veríssimo e o poema “O Caso do Vestido” de Carlos Drummond Andrade e as funções interpretativas do círculo de leitura de Rildo Cosson;
- Quadro em branco;
- Caneta piloto;
- Cadernos dos alunos.

#### **Avaliação:**

- **Instrumentos:** Participação oral dos alunos.
- **Crítérios:** Verificar se os alunos entenderam como funciona o círculo de leitura e verificar se a atividade aplicada atendeu aos critérios que foram solicitados a eles dentro da perspectiva de Cosson.

#### **Aulas III e IV – Carga Horária:** 90 minutos

**Unidade de Ensino:** Desenvolvimento do Círculo de Leitura

**Conteúdo:** Leitura

#### **Objetivos:**

- Estimular o gosto pela leitura e literatura;
- Distinguir ficção de realidade;
- Utilizar de maneira eficaz as funções interpretativas de Rildo Cosson;
- Discutir os temas transversais nos textos: relações familiares, padrões de beleza, respeito, amor, fidelidade, relacionamento moderno, diálogo, mentira, perdão, traição, submissão da mulher, machismo, entre outros;
- Intertextualizar os textos do Círculo de Leitura.

**Procedimentos metodológicos:** Primeiramente será realizada a exposição dos grupos. Cada grupo falará qual seu texto e autor, individualmente explicitarão as funções e seus resultados perante o texto e a partir dos questionamentos sobre os temas transversais de cada texto, será realizado o debate em sala. Em seguida os grupos trocarão os textos, de modo circular, cada grupo com um novo texto. Realizarão o mesmo procedimento da aula anterior: leitura seguida das anotações individuais das funções, exposição em turma e debate. Como já estaremos no final da aula, os textos serão novamente trocados e desta vez a leitura e as anotações das funções ocorrerão em casa.

**Recursos didáticos:**

- Folhas Ofício A4 com textos: o conto “Família é uma merda” de Rubem Fonseca, a crônica “Defenestração” de Fernando Veríssimo e o poema “O Caso do Vestido” de Carlos Drummond Andrade;
- Quadro em branco;
- Caneta piloto;
- Cadernos dos alunos.

**Avaliação:**

- **Instrumentos:** Participação oral dos alunos.
- **Crítérios:** Verificar a desenvoltura dos alunos bem como a participação e envolvimento dos grupos.

**Aulas V e VI – Carga Horária:** 90 minutos**Unidade de Ensino:** Desenvolvimento e Conclusão do Círculo**Conteúdo:** Leitura**Objetivos:**

- Estimular o gosto pela leitura e literatura;
- Utilizar de maneira eficaz as funções interpretativas de Rildo Cosson;
- Discutir os temas transversais nos textos: relações familiares, padrões de beleza, respeito, amor, fidelidade, relacionamento moderno, diálogo, mentira, perdão, traição, submissão da mulher, machismo, entre outros;
- Intertextualizar os textos do Círculo de Leitura.
- Relembrar as características do gênero Peça (já trabalhado no livro didático).

**Procedimentos metodológicos:** Será realizada a exposição dos grupos. Cada grupo falará qual seu texto e autor, individualmente explicitarão as funções e seus resultados perante o texto e a partir dos questionamentos sobre os temas transversais de cada texto, será realizado o debate em sala. Ao fim do debate, mostraremos aos alunos que o Círculo foi concluído, já que todos os grupos leram todos os textos. Ouviremos as opiniões dos alunos sobre os textos, suas afinidades com eles e o que acharam do Círculo de Leitura. Para finalizar estas duas aulas, prepararemos os alunos para a próxima atividade, que será a Produção Textual. Será lembrado em sala a Peça e suas características. Fechando a aula, informamos que haverá na próxima atividade a Produção Textual.

**Recursos didáticos:**

- Folhas Ofício A4 com textos: o conto “Família é uma merda” de Rubem Fonseca, a crônica “Defenestração” de Fernando Veríssimo e o poema “O Caso do Vestido” de Carlos Drummond Andrade;
- Quadro em branco;
- Caneta piloto;
- Cadernos dos alunos.

**Avaliação:**

- **Instrumentos:** Desempenho geral dos alunos (em todo os momentos do círculo de leitura, inclusive com as atividades de casa).
- **Crêterios:** Verificar se os alunos atenderam às expectativas nas atividades pedidas ao longo do círculo de leitura.

**Aulas VII e VIII – Carga Horária:** 90 minutos**Unidade de Ensino:** Gêneros textuais

**Conteúdo:** Gênero Conto, Crônica e Poesia características e diferenças.

**Objetivos:**

- Desenvolver o senso crítico e analítico;
- Identificar os elementos que compõem os gêneros citados;
- Estabelecer relações entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo);
- Discutir relações do contexto histórico do texto;
- Discutir o tema do texto trabalhado;

**Procedimentos metodológicos:** Aula expositiva com slides, material impresso com o conteúdo dos slides para que os alunos colassem no caderno para consultas posteriormente.

**Recursos didáticos:**

- Folhas Ofício A4;
- computador;
- projetor;
- Cadernos dos alunos.

**Avaliação:**

- **Instrumentos:** Participação dos alunos.

- **Crítérios:** Verificar se o aluno estabeleceu relação entre seu conhecimento de mundo e o tema desenvolvendo o senso crítico e analítico comparando o contexto do conto escolhido e observar se o aluno consegue identificar quais são os aspectos dos gêneros propostos.

**Aula IX – Carga Horária:** 45 minutos

**Unidade de Ensino:** Produção Textual

**Conteúdo:** Peça

**Objetivos:**

- Estimular a produção textual de forma atrativa;
- Elaborar produções textuais coesas e coerentes, a partir dos textos utilizados no Círculo de Leitura;
- Escolher um tema transversal como principal e manter o tema sem perder o foco;
- Intertextualizar a peça criada com um dos textos do Círculo de Leitura;
- Relembrar e empregar as características do gênero Peça de modo adequado.

**Procedimentos metodológicos:** Cada grupo escolherá um dos textos do círculo de leitura como “base” para produzir seu texto, podendo ser o de maior afinidade ou que acharem interessante o tema. Para o tema, os alunos escolherão algo que lhe chamou atenção em um dos textos trabalhados no Círculo de Leitura. No final da aula os grupos deverão entregar suas produções. Deve-se aceitar não só criações, mas também releituras (caso algum grupo tenha a ideia de efetuar uma).

**Recursos didáticos:**

- Quadro em branco;
- Caneta piloto;
- Cadernos dos alunos.

**Avaliação:**

- **Instrumentos:** A partir dos atributos tema, gênero, ortografia, coesão e coerência, avaliaremos a produção textual do aluno (atributos existentes no ENEM).
- **Crítérios:** verificar se os alunos entenderam a temática exposta durante as aulas.

**Aula X – Carga Horária:** 45 minutos

**Unidade de Ensino:** Apresentação da produção textual

**Conteúdo:** Peça

**Objetivos:**

- Empregar as características do gênero Peça de modo adequado;
- Reforçar a oralidade;

**Procedimentos metodológicos:** Estas 3 aulas são exclusivas para as apresentações das peças produzidas.

**Avaliação:**

- **Instrumentos:** Apresentações das peças, utilização de suas características não verbais (entonação, vestimenta, cenário, etc.) e interação dos alunos.
- **Crêterios:** Analisar se a peça está de acordo com o texto e se ao fazerem a troca de gêneros, os alunos se atentaram aos detalhes da leitura do texto.

## **ANEXO II – Textos trabalhados no estágio (Poema, Crônica e Conto)**

### **Caso do Vestido**

**Carlos Drummond de Andrade**

Nossa mãe, o que é aquele  
vestido, naquele prego?  
Minhas filhas, é o vestido  
de uma dona que passou.  
Passou quando, nossa mãe?  
Era nossa conhecida?  
Minhas filhas, boca presa.  
Vosso pai e vem chegando.  
Nossa mãe, disse depressa  
que vestido é esse vestido.  
Minhas filhas, mas o corpo  
ficou frio e não o veste.  
O vestido, nesse prego,  
está morto, sossegado.  
Nossa mãe, esse vestido  
tanta renda, esse segredo!  
Minhas filhas, escutai  
palavras de minha boca.  
Era uma dona de longe,  
vosso pai enamorou-se.  
E ficou tão transtornado,  
se perdeu tanto de nós,  
se afastou de toda vida,  
se fechou, se devorou,  
chorou no prato de carne,  
bebeu, brigou, me bateu,

me deixou com vosso berço,  
foi para a dona de longe,  
mas a dona não ligou.  
Em vão o pai implorou.  
Dava apólice, fazenda,  
dava carro, dava ouro,  
beberia seu sobejo,  
lamberia seu sapato.  
Mas a dona nem ligou.  
Então vosso pai, irado,  
me pediu que lhe pedisse,  
a essa dona tão perversa,  
que tivesse paciência  
e fosse dormir com ele...  
Nossa mãe, por que chorais?  
Nosso lenço vos cedemos.  
Minhas filhas, vosso pai  
chega ao pátio. Disfarcemos.  
Nossa mãe, não escutamos  
pisar de pé no degrau.  
Minhas filhas, procurei  
aquela mulher do demo.  
E lhe roguei que aplacasse  
de meu marido a vontade.  
Eu não amo teu marido,  
me falou ela se rindo.  
Mas posso ficar com ele  
se a senhora fizer gosto,  
só pra lhe satisfazer,  
não por mim, não quero homem.  
Olhei para vosso pai,  
os olhos dele pediam.  
Olhei para a dona ruim,  
os olhos dela gozavam.

O seu vestido de renda,  
de colo mui devassado,  
mais mostrava que escondia  
as partes da pecadora.  
Eu fiz meu pelo-sinal,  
me curvei... disse que sim.  
Sai pensando na morte,  
mas a morte não chegava.  
Andei pelas cinco ruas,  
passei ponte, passei rio,  
visitei vossos parentes,  
não comia, não falava,  
tive uma febre terçã,  
mas a morte não chegava.  
Fiquei fora de perigo,  
fiquei de cabeça branca,  
perdi meus dentes, meus olhos,  
costurei, lavei, fiz doce,  
minhas mãos se escalavraram,  
meus anéis se dispersaram,  
minha corrente de ouro  
pagou conta de farmácia.  
Vosso pais sumiu no mundo.  
O mundo é grande e pequeno.  
Um dia a dona soberba  
me aparece já sem nada,  
pobre, desfeita, mofina,  
com sua trouxa na mão.  
Dona, me disse baixinho,  
não te dou vosso marido,  
que não sei onde ele anda.  
Mas te dou este vestido,  
última peça de luxo  
que guardei como lembrança



daquele dia de cobra,  
da maior humilhação.  
Eu não tinha amor por ele,  
ao depois amor pegou.  
Mas então ele enjoado  
confessou que só gostava  
de mim como eu era dantes.  
Me joguei a suas plantas,  
fiz toda sorte de dengo,  
no chão rocei minha cara,  
me puxei pelos cabelos,  
me lancei na correnteza,  
me cortei de canivete,  
me atirei no sumidouro,  
bebi fel e gasolina,  
rezei duzentas novenas,  
dona, de nada valeu:  
vosso marido sumiu.  
Aqui trago minha roupa  
que recorda meu malfeito  
de ofender dona casada  
pisando no seu orgulho.  
Recebei esse vestido  
e me dai vosso perdão.  
Olhei para a cara dela,  
quede os olhos cintilantes?  
quede graça de sorriso,  
quede colo de camélia?  
quede aquela cinturinha  
delgada como jeitosa?  
quede pezinhos calçados  
com sandálias de cetim?  
Olhei muito para ela,  
boca não disse palavra.

Peguei o vestido, pus  
 nesse prego da parede.  
 Ela se foi de mansinho  
 e já na ponta da estrada  
 vosso pai aparecia.  
 Olhou pra mim em silêncio,  
 mal reparou no vestido  
 e disse apenas: — Mulher,  
 põe mais um prato na mesa.  
 Eu fiz, ele se assentou,  
 comeu, limpou o suor,  
 era sempre o mesmo homem,  
 comia meio de lado  
 e nem estava mais velho.  
 O barulho da comida  
 na boca, me acalentava,  
 me dava uma grande paz,  
 um sentimento esquisito  
 de que tudo foi um sonho,  
 vestido não há... nem nada.  
 Minhas filhas, eis que ouço  
 vosso pai subindo a escada.

*Texto extraído do livro "Nova Reunião-19 Livros de Poesia", José Olympio Editora – 1985.*

### **Defenestração**

Certas palavras têm o significado errado. Falácia, por exemplo, devia ser o nome de alguma coisa vagamente vegetal. As pessoas deveriam criar falácias com todas as suas variedades. A Falácia Amazônica. A misteriosa Falácia Negra.

Hermeneuta deveria ser o membro de uma seita de andarilhos herméticos. Onde eles chegassem, tudo se complicaria.

- Os hermeneutas estão chegando!

- Ih, agora que ninguém vai entender mais nada...

Os hermeneutas ocupariam a cidade e paralisariam todas as atividades produtivas com seus enigmas e frases ambíguas. Ao se retirarem deixariam a população prostrada pela confusão. Levaria semanas até que as coisas recuperassem o seu sentido óbvio. Antes disso, tudo pareceria ter um sentido oculto.

- Alo...

- O que é que você quer dizer com isso?

Traquinagem deveria ser uma peça mecânica.

- Vamos ter que trocar a traquinagem. E o vetor está gasto.

Plúmbeo deveria ser barulho que um corpo faz ao cair na água. Mas, nenhuma palavra me fascinava tanto quanto defenestração.

A princípio foi o fascínio da ignorância. Eu não sabia o seu significado, nunca me lembrava de procurar no dicionário e imaginava coisas. Defenestrar deveria ser um ato exótico praticado por poucas pessoas. Tinha até um certo tom lúbrico. Galanteadores de calçada deveriam sussurrar ao ouvido de mulheres:

- Defenestras?

A resposta seria um tapa na cara. Mas, algumas... Ah, algumas defenestravam.

Também podia ser algo contra pragas e insetos. As pessoas talvez mandassem defenestrar a casa. Haveria, assim, defenestradores profissionais.

Ou quem sabe seria uma daquelas misteriosas palavras que encerram os documentos formais? “Nesses termos, pede defenestração..” Era uma palavra cheia de implicações. Devo até tê-la usado uma ou outra vez, como em?

-Aquele é um defenestrado.

Dando a entender que era uma pessoa, assim, como dizer? Defenestrada. Mesmo errada era a palavra exata.

Um dia, finalmente, procurei no dicionário. E aí está o Aurelião que não me deixa mentir.

“Defenestração” vem do francês “Defenestration”. Substantivo feminino. Ato de atirar alguém ou algo pela janela.

Ato de atirar alguém ou algo pela janela!

Acabou a minha ignorância, mas não minha fascinação. Um ato como esse só tem nome próprio e lugar nos dicionários por alguma razão muito forte. Afinal, não

existe, que eu saiba, nenhuma palavra para o ato de atirar alguém ou algo pela porta, ou escada a baixo. Por que então, defenestração?

Talvez fosse um hábito francês que caiu em desuso. Como o rapé. Um vício como o tabagismo ou as drogas, suprimido a tempo.

- Lês defenestrations. Devem ser proibidas.

- Sim, monsieur le Ministre.

- São um escândalo nacional. Ainda mais agora, com os novos prédios.

- Sim, monsieur lê Mnistre.

- Com prédios de três, quatro andares, ainda era possível. Até divertido. Mas, daí para cima vira crime. Todas as janelas do quarto andar para cima devem ter um cartaz: "Interdit de defenestrer". Os transgressores serão multados. Os reincidentes serão presos.

Na Bastilha, o Marquês de Sade deve ter convivido com notórios defenestresurs. E a compulsão, mesmo suprimida, talvez ainda persista no homem, como persiste na sua linguagem. O mundo pode estar cheio de defenestradores latentes.

- É essa estranha vontade de jogar alguém ou algo pela janela, doutor...

- Humm, O Impulsus defenestrex de que nos fala Freud. Algo a ver com a mãe. Nada com o que se preocupar – diz o analista, afastando se da janela.

Quem entre nós nunca sentiu a compulsão de atirar alguém ou algo pela janela? A basculante foi inventada para desencorajar a defenestração. Toda a arquitetura moderna, com suas paredes externas de vidro reforçado e sem aberturas, pode ser uma reação inconsciente a esta volúpia humana, nunca totalmente dominada.

Na lua-de-mel, numa suíte matrimonial no 17º andar.

-Querida...

- Mmmm?

-Há uma coisa que preciso lhe dizer...

-Fala amor.

-Sou um defenestrador.

E a noiva, na inocência, caminha para a cama:

- Estou pronta pra experimentar tudo com você. Tudo!

Uma multidão cerca o homem que acaba de cair na calçada. Entre gemidos, ele aponta para cima e balbucia:

- Fui defenestrado...

Alguém comenta:

- Coitado. E depois ainda atiraram ele pela janela.

Agora mesmo me deu uma estranha compulsão de arrancar o papel da máquina, amassa-lo e defenestrar essa crônica. Se ela sair é porque resisti.

*Texto extraído do livro “Comedias para se ler na escola”, Luís Fernando Veríssimo – 2001.*

### **Família é uma merda**

**Rubem Fonseca**

Tenho uma saúde de ferro, mas andava sentindo umas dores de cabeça e fui à farmácia comprar aspirina. Foi assim que conheci Genoveva. Ela me perguntou para que eu queria aspirina.

“Para dor de cabeça”.

“Aspirina ataca o estômago”.

Se ela trabalhava numa farmácia devia saber o que estava dizendo.

“Então eu tomo o quê?”

“Tylenol.”

“Já tomei esse troço e não passou a dor” Ficamos batendo um papo, não tinha outros fregueses na farmácia. Ela morava na rua do Camerino, logo no início, perto da farmácia, que ficava na rua Larga, também conhecida como Marechal Floriano. Eu morava no Santo Cristo.

Gostei de Genoveva. Mesmo sem estar com dor de cabeça, voltei à farmácia no dia seguinte.

“Já acabou o Tylenol?”

“Vim só dizer oi para você”.

”Oi.Como é o seu nome?”.

“Valdo”.

“Parece nome de jogador de futebol. Você joga futebol?”

“Jogo. Pelada. Todo brasileiro joga futebol”.

“O meu é Geni”.

Depois desse dia, começamos a namorar. O problema é que eu tinha que namorar escondido dos meus irmãos e da minha mãe. Eu gostava da Genoveva, mas ela era feia, nem muito gorda nem muito magra, nem tinha a pele ruim, mas era feia. Não sei como explicar a feiúra da Genoveva. Se fosse uma garota bonita era mais fácil.

Já namorávamos havia dois meses quando Genoveva me disse que a mãe dela queria me conhecer. As confusões entre namorados sempre começam quando as famílias se metem no meio. A velha ia achar uma porção de defeitos em mim.

Mas não foi nada disso. A velha disse:

“Genoveva, seu namorado é muito bonito e educado”.

“Mamãe, eu disse a ele que me chamava Geni, a senhora sabe que eu não gosto desse nome.

“Se o moço vai casar com você tem que saber o seu nome verdadeiro.”

“Meu nome também não é Valdo. É Oduvaldo”.

“Acho Oduvaldo bonito”; disse a garota.

“Eu acho Genoveva mais ainda”.

Depois a mãe foi ver televisão no quarto onde as duas dormiam. A casa era pequena. Ficamos sozinhos no sofá da sala e eu não fiz nada. Não fiz nada porque Genoveva era virgem e eu não queria mandar o cabaço dela pro espaço, aquela coisa de a mãe falar em casamento me deixou arrepiado. Tirar cabaço é coisa feita no impulso, e a mulher sempre embucha. Aí o cara tem que casar eu até casava com Genoveva, se não fosse a minha família. Todo mundo na minha casa era bonito. Como é que eu ia chegar e dizer, olha aqui pessoal, vou casar com esta moça feia? Ainda por cima, no momento nem estou trabalhando, quem me sustenta é o meu irmão que tem um restaurante no Santo Cristo. Ele é casado com uma dona que podia trabalhar no cinema.

Santo Cristo é um lugar perfeito, nasci e me criei lá, não tem boteco, loja, oficina, casa que eu não conheça, pelo menos por fora. Sei onde se pode comer uma boa gororoba, claro que o melhor lugar é o restaurante do meu irmão. Santo Cristo é um paraíso, eu podia passar a vida sem sair do bairro nem para ir à praia. Como é que fui comprar um remédio para dor de cabeça na rua Larga, se Santo Cristo tem suas farmácias? Foi o destino. O destino arma essas coisas pra cima da gente, colocou Genoveva no meu caminho.

“Você não gosta do lugar onde mora?”

“Por quê?”

“Nunca me leva para passear em Santo Cristo”.

“Não gosto daquele bairro. Prefiro a Tijuca. Já morei na rua dos Araújo’s”.

Era mentira. Eu detestava a Tijuca, mas não queria andar pelo Santo Cristo e ser visto com Genoveva. Quem morava na rua dos Araújo’s era uma meio-prima minha, a Glorinha, nós namoramos até que eles se mudaram para a Barra e eu inventei que isso complicou o namoro. Foi um pretexto, ela era bonita, gostava de mim, mas eu não gostava dela e dizem que filhos de primos podem nascer aleijados. Meus irmãos, apesar de detestarem a nossa tia, que era irmã da minha mãe por parte de pai, achavam que seria um casamento perfeito para mim. O pai dela, sócio de uma companhia de ônibus na Baixada, podia me arrumar um emprego, já que eu não queria ser garçom no restaurante do meu irmão. Eu não era daqueles caras que inventam que estão desempregados porque não encontram emprego, eu não encontrava mesmo, só não queria ser garçom.

“Você não vai me apresentar sua família? Você nunca fala dela”.

“Qualquer dia desses”.

“Eu te apresentei minha mãe. Não tenho pai. Você tem pai e mãe?”

“Sou igual a você, só tenho mãe. Mas ela não gosta de receber visita”.

“Também não tem irmãos?”

Você nunca conta uma mentira apenas. Vem sempre uma porrada delas, de enxurrada. Acho que eu dizia pelo menos uma mentira por dia para Genoveva. Eu gostava dela, mas não podia gostar dela, uma mulher bonita pode gostar de um homem feio, mas nenhum homem pode gostar de uma mulher feia, o mundo é assim. Se eu tivesse dinheiro para sair de casa, fugia com ela. E o trambolho da mãe, o que a gente ia fazer com aquilo? Quem sustentava a velha era a Genoveva, com a merreca que ganhava na farmácia, e olha que ela era a gerente.

Como diz o ditado, é mais fácil pegar um mentiroso do que um coxo. Coxo é uma espécie de pernetas. Um dia fui apanhar Genoveva na farmácia na hora do almoço, íamos comer um sanduíche com caldo de cana num pé-sujo da rua do Acre e descíamos pela rua Larga quando ouvi uma voz:

“Oduvaldo, Oduvaldo”

Reconheci a voz, fingi que não ouvi. Continuei andando, mas Genoveva parou, olhou para trás.

“Tem uma moça te chamando”.

“Moça? Deixa pra lá, vamos embora”.

Mas a minha irmã já tinha chegado perto.

“Hoje é o aniversário de Clodoaldo. Não vá se esquecer Oito horas. Você é meio

cabeça-tonta.”

Lá em casa todos os nomes de homem terminam em aldo. E o nome das mulheres em alva.

“Não vai me apresentar a sua amiga?”

“É a moça da farmácia”.

“Eu sou irmã dele. Marialva, muito prazer”.

“Muito prazer, Geni. Pensei que estava viajando”.

“Viajando? Quem me dera.”

“O que você está fazendo aqui na rua Larga?” perguntei, irritado.

“Vim comprar o presente do Clodoaldo. Você está aborrecido com alguma coisa?”

“Temos que ir, tchau” eu disse, puxando Genoveva.

O caldo de cana naquele dia estava com gosto ruim. Genoveva não comeu o sanduíche. Disse estar sem fome e não falou mais nada. Quando voltávamos para a farmácia, me perguntou:

“Por que você não me apresentou como sua namorada? Moça da farmácia? Moça da farmácia?”

“Eu não quis, sabe como é, dizer assim, sem mais nem menos, esta é minha namorada, minha irmã ia dizer, meu irmão tinha uma namorada e não apresentava para a gente. Sabe como é, ia ficar esquisito”.

“Ela não estava viajando? Ou você está me engrupindo?”

“Que é isso, Genoveva? Está zangada?”

“Estou zangada, sim”.

“Eu um dia te apresento a eles”.

“Por que não me leva no aniversário do, do, como é o nome dele? Do seu irmão”.

“Clodoaldo. Assim, sem mais nem menos?”

“Como, sem mais nem menos? Tem que chegar uma hora para isso”.

“Não sei se a hora certa é numa festa de aniversário sem graça, com bolo e parabéns para você”.

Eu e o Clodoaldo fazíamos anos no mesmo mês, mas Genoveva não sabia disso, eu



não podia dizer para ela que minha família ia dar uma festa para mim nos próximos dias, no meu aniversário. Eu não podia levar a garota na minha casa. Família é uma merda.

“Você pensa que eu sou boba, não pensa?”

“Que é isso, Genoveva?”

“Pára de dizer o que é isso. Isso é isso mesmo. Não me leva até a farmácia, quero pensar, você está me atrapalhando”.

Ela saiu correndo, correndo mesmo, como se estivesse disputando os cem metros rasos.

Cheguei às oito em ponto na festa do Clodoaldo, no restaurante dele, fechado para os fregueses naquela noite. Entre os presentes que ganhou, o único mixuruca foi o escudo do Vasco que dei a ele, mas Clodoaldo era um vascaíno fanático e gostou do escudinho, além disso sabia que eu estava na pindaíba. Fiquei espiando a minha família, todo mundo elegante, todos bonitos e bem de vida, a mulher do Clodoaldo era bonita, a do Reinaldo, que tem uma oficina mecânica, era bonita, até minha mãe, que era velha, era bonita, o único que era apenas bonito e não estava se dando bem na vida era eu, mas beleza não põe mesa, a menos que você seja mulher, como dizem.

Além da minha mãe e dos meus irmãos, estavam na festa os amigos deles. Eu não tenho amigos. Vá lá, os amigos deles são também um pouco meus amigos. Todo mundo bebeu, teve cantoria, gargalhadas, tudo numa boa, eu também bebi, mas não adiantou nada, a cerveja e o vinho tiveram o mesmo efeito que chá de agrião, só me deixaram enjoado.

“O Oduvaldo arranhou uma namorada” anunciou Marialva, lá para as tantas.

Todo mundo caiu na minha pele. Disseram um monte de besteiras, contaram piadinhas.

“Esse cara é um moita” disse Ronaldo.

“Quem é a moça?” perguntou minha mãe.

“Trabalha numa farmácia” disse Marialva.

“A Jaqueline? Aquela garota é um anjo”.

“Ela não trabalha na farmácia daqui, mãe. Acho que é numa das farmácias da rua Larga. Os dois estavam andando pela rua Larga. O nome dela é Geni”.

Ouvi mais um monte de piadinhas idiotas. Marialva não contou que Geni era feia. Para falar a verdade, Marialva era legal, estava noiva de um médico, ia casar com ele, o cara estava na festa, era meio prosa, sabe como são esses médicos, mas não era mau sujeito, muito gentil com todos nós, mas graças a Deus eu não precisava

dos serviços dele, o cara era médico de hemorróidas. Além de bacana, o puto também era bonito. Porra, tinha gente feia pra caralho no Brasil, menos na minha família? Que merda.

No dia seguinte passei na farmácia. Genoveva estava emburrada.

“O senhor deseja algum produto?”

“Quero falar com você”.

“Não temos nada a conversar. Estou muito ocupada” disse, virando as costas e se escondendo no fundo da farmácia.

Eu estava numa sinuca de bico. Não podia apresentar Genoveva à minha família, eu ia morrer de vergonha, estava também com vergonha de mim mesmo, de ser um babaca, acho que era porque perdi o meu emprego e não conseguia arranjar outro, larguei o colégio no meio porque só gostava de jogar bilhar e bater bola, minha mãe e os meus irmãos deviam me encher de porrada, mas passavam a mão na minha cabeça.

Fiquei rondando a porta da farmácia até a hora de fechar. Quando Genoveva saiu, cheguei perto dela e disse:

“Quero te pedir perdão”.

Nenhuma mulher resiste quando um homem pede perdão. Ela olhou para mim, viu alguma coisa na minha cara e me perdoou.

“Está perdoado” disse, me dando um beijo no rosto.

Perdão eu pedi de verdade, mas o que disse em seguida era meio verdade meio mentira.

“Não te apresentei minha família porque eles são todos metidos a besta, só por isso”. Eles eram mesmo metidos a besta, até minha mãe, que se chamava Ednalva, era metida a besta, mas o motivo não era só esse, era como a minha família ia reagir quando visse a feiúra de Genoveva.

“E qual é o problema de eles serem convencidos? Qual é o problema?”

Consegui driblar o assunto e me separei dela numa boa, mas Genoveva parecia preocupada com alguma coisa.

No dia seguinte ao aniversário de Clodoaldo, me deu uma coisa e eu chamei Marialva para uma conversa particular. Disse a ela que estava apaixonado por Genoveva. Se você quer abrir o seu peito, abra para uma mulher Se ela for sua irmã, é claro. Mãe é mais complicado, mãe é boa numas coisas, noutras é melhor a irmã.

“Aquela moça da rua Larga?” perguntou Marialva.

“Aquelela.”

“Muito apaixonado?”

“Loucamente apaixonado. Não posso viver sem ela. Sei que ela é feia, mas não posso viver sem ela”.

“Existe gente mais feia do que aquela moça”.

Depois, Marialva não disse mais nada. Mordeu o beijo de baixo, só isso.

Fiquei andando pela rua, passei na porta do bilhar, resolvi que não ia jogar sinuca nunca mais, nem pelada de futebol, sei que ia sofrer por isso, mas a minha vida já estava mesmo um lixo. Ainda por cima, na quinta-feira era o dia do meu aniversário; a minha família sempre fazia uma festa para mim e eu não ia levar a Genoveva. Se ela soubesse, eu estava frito, Genoveva se chateou só porque não a convidei para o aniversário do Clodoaldo. Eu estava no mato sem cachorro.

Fiquei dois dias sem ver Genoveva. No dia do meu aniversário, cheio de remorso, dei uma passada na farmácia. Pensei que ela ia me dar um esporro, mas me recebeu com um sorriso. Achei esquisito, mas a gente nunca sabe o que uma mulher está pensando.

“Passei aqui só para te dizer que te amo”.

“Mais alguma coisa?”

“Não, só isso. A gente se vê amanhã?”

“Está bom, a gente se vê amanhã” disse ela, sempre rindo. Parecia ter pirado completamente”.

O meu aniversário foi na casa da minha mãe. Eu morava na casa da minha mãe, acontece com os caçulas, ainda mais temporão e desempregado, como eu. Estava a turma toda lá, meus irmãos, as mulheres dos meus irmãos, o doutor da Marialva, aqueles bestalhões todos A festa mal havia começado quando minha mãe disse:

“Marialva, vai pegar o presente do Oduvaldo”.

Minha irmã desapareceu por algum tempo.

A campainha da porta tocou, e todos começaram a cantar, parabéns para você. Aquela musiquinha me dava nojo.

Então minha mãe abriu a porta e surgiu Marialva, puxando Genoveva pela mão.

“Genoveva...? eu disse, surpreso.

“Não tem tanta farmácia assim na rua Larga, foi fácil encontrar a moça” disse

Marialva.

Tive vontade de chorar, acho que é porque estava desempregado, e sujeito desempregado fica fraco. Para falar a verdade, meus olhos ficaram úmidos quando abracei Genoveva. Depois abracei os meus parentes e todos cobriram Genoveva de beijos. Minha mãe trouxe um bolo da cozinha, cheio de velas acesas.

Estou casado com Genoveva. Minha família gosta muito dela, dizem que é meiga, prestativa e cuida bem de mim. Trabalho como garçom no restaurante do Clodoaldo. Não é tão ruim assim, ser garçom, e o meu irmão me ofereceu sociedade. Estou dando duro, sem hora para entrar nem sair.

Quem foi que disse que família é uma merda?

*Texto extraído do livro “Pequenas criaturas”, Companhia das Letras - São Paulo, 2002, pág. 32.*